

Machosfera no Brasil

Desafios práticos e éticos na cobertura jornalística da misoginia nas redes sociais

TEREZINHA SILVA

*Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil*

FERNANDA NASCIMENTO

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil*

DAIANE BERTASSO

*Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil*

ID 3146

Recebido em

24.02.2025

Aceito em

20.06.2025

O artigo investiga a cobertura de mídias jornalísticas do Brasil sobre a invasão e o ataque misógino à conta da primeira-dama Janja da Silva na rede social X (antigo Twitter) em dezembro de 2023. Busca-se compreender em que medida a imprensa contextualiza a violência de gênero na internet, a misoginia e o fenômeno da machosfera, bem como as implicações práticas e éticas para uma cobertura jornalística sobre essas formas de violência. Por meio da análise de conteúdo qualitativa de 78 matérias jornalísticas, observou-se que a imprensa, de modo geral, não contextualiza a misoginia, a violência de gênero digital e a machosfera, e, ainda, há o dilema ético sobre a divulgação de conteúdo ofensivo.

Palavras-chave: Jornalismo. Violência de gênero. Misoginia on-line. Machosfera. Grupos masculinistas.

Manosphere in Brazil: Practical and Ethical Challenges for Journalistic Coverage of Misogyny on Social Media

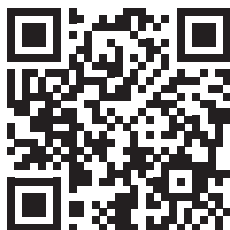
The article investigates the coverage of journalistic media in Brazil about the invasion and the misogynistic attack on First Lady Janja da Silva's account on the social network X (formerly Twitter) in December 2023. The aim is to understand whether and to what extent the press contextualizes gender violence on the internet, misogyny on social networks and the manosphere phenomenon, as well as the practical and ethical implications for journalistic coverage of these forms of violence. Through the qualitative content analysis of 78 journalistic articles, it was observed that the press, in general, does not contextualize misogyny, digital gender violence and manosphere and, still, there is the ethical dilemma about the disclosure of offensive content.

Palavras-chave: Journalism. Gender violence. Online misogyny. Manosphere. Masculinist groups.

Machosfera en Brasil: desafíos prácticos y éticos en la cobertura periodística de la misoginia en las redes sociales

El artículo investiga cómo los medios de comunicación brasileños cubrieron la invasión y el ataque misógino a la cuenta de la primera dama Janja da Silva en la red social X (antes Twitter) en diciembre de 2023. El objetivo es entender en qué medida la prensa contextualiza la violencia de género en Internet, la misoginia en las redes sociales y el fenómeno de la machosfera, así como las implicaciones prácticas y éticas para la cobertura periodística de estas formas de violencia. Por medio del análisis de contenido cualitativo de 78 textos periodísticos, se observó que la prensa, de manera general, no contextualiza la misoginia, la violencia de género digital y la machosfera y, además, existe el dilema ético sobre la divulgación de contenidos ofensivos.

Palabras clave: Periodismo. Violencia de género. Misoginia online. Manosfera. Grupos masculinistas.



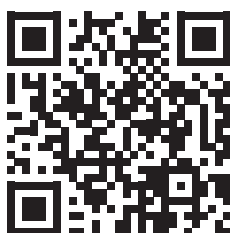
ORCID

Terezinha **SILVA**

Doutora em Ciências da Comunicação e da Informação pela Université Paris Nanterre (França) e pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por meio de convênio internacional de cotutela. Professora do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Líder do grupo de pesquisa Transverso – Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica (CNPQ/PPGJOR/UFSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

E-mail: silva.terezinha@ufsc.br



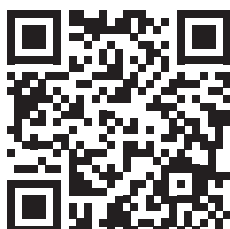
ORCID

Fernanda **NASCIMENTO**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH-UFSC). Professora adjunta na Escola de Comunicação, Artes e Design (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Integra o grupo de pesquisa Transverso – Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica (CNPQ/PPGJOR/UFSC).

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: s.fernanda10@pucrs.br



ORCID

Daiane **BERTASSO**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). Professora do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vice-líder do grupo de pesquisa Transverso – Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica (CNPQ/PPGJOR/UFSC).

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

E-mail: daianebertasso@gmail.com

Introdução

Nos últimos anos, a proliferação de discursos de ódio e estigmas de gênero na internet e em redes sociais tem despertado a atenção de pesquisadoras(es) e de ativistas de movimentos sociais e políticos, muitas(os) das(os) quais foram vítimas dessas formas de violência. Trata-se de um novo desafio para distintas instituições e atores interessados(as) ou responsáveis pela prevenção e eliminação das diversas formas de violência que historicamente atingem grupos subalternizados.

Esse fenômeno começou a ser estudado na pesquisa acadêmica de países anglo-saxões (Ging, 2017; Sugiura, 2021), ganhando impulso também na Europa, a exemplo da Espanha (García-Mingo; Díaz-Fernández; Tomás-Forte, 2022; García-Mingo; Díaz Fernández, 2023), e em países latino-americanos (Lopes, 2021; Benassini-Félix, 2022; Januário; Chacel, 2023). Ganhou o nome de *manosphere*, *manosfera* ou *machosfera* e refere-se a um espaço discursivo on-line integrado por um conjunto de comunidades com interesses masculinistas e que, embora heterogêneas, compartilham um discurso misógino e antifeminista (García-Mingo; Díaz-Fernández; Tomás-Forte, 2022; Franco; Bernárdez-Rodal, 2023).

O conceito acrescenta uma nova ideia à diversidade de análises sobre a misoginia no ambiente digital. Já não se trata de casos isolados, e sim de uma espécie de comunidade composta por organizações informais que exercem um ativismo controlado contra mudanças progressistas ocorridas na sociedade em decorrência da atuação e do êxito do feminismo ao longo do século XX (García-Mingo; Díaz-Fernández; Tomás-Forte, 2022; Franco; Bernárdez-Rodal, 2023). No Brasil, pesquisadoras(es) também têm se dedicado a estudar esses discursos de ódio e violência digital há mais de uma década, embora apenas recentemente alguns estudos tenham abordado explicitamente a machosfera, como veremos adiante.

Compreender o fenômeno é imprescindível para coibir essas práticas que se disseminam também no Brasil. Um levantamento do Observatório da Indústria da Desinformação e Violência de Gênero nas Plataformas Digitais demonstrou que os conteúdos da machosfera estão presentes em, pelo menos, 137 canais de YouTube no Brasil, somam 3,9 bilhões de visualizações e têm como tema principal o desprezo às mulheres e o estímulo a uma insurgência masculina (Santini *et al.*, 2024). O estudo aponta, ainda, um incremento na produção de conteúdos audiovisuais da machosfera especialmente a partir de 2022, e indica que 80% dos canais obtêm algum tipo de monetização a partir de anúncios ou doações, demonstrando uma conivência da plataforma (Santini *et al.*, 2024).

Colaborando com o avanço do conhecimento sobre essas práticas, o presente estudo busca observar sua reverberação no jornalismo. Analisamos o caso da invasão e do ataque misógino à conta da primeira-dama Janja da Silva na rede social X, em dezembro de 2023, e nos interrogamos sobre o modo como foi realizada a cobertura jornalística sobre o ocorrido no Brasil. Janja é sistematicamente atacada com insultos, ofensas e ameaças em comentários nas redes sociais e na *deepweb*, mas o ataque analisado aqui se difere dos demais pelo fato de seu perfil oficial ter sido invadido, tornando a proporção da ação significativa na cobertura jornalística e mobilizando autoridades em torno do caso. Buscamos, sobretudo, compreender como a imprensa brasileira contextualiza a violência de gênero na internet, a misoginia nas redes sociais e o fenômeno da machosfera no Brasil, bem como as implicações práticas e éticas para uma cobertura jornalística acerca dessas formas de violência.

Panorama da pesquisa internacional: coalizões em prol da misoginia

Os primeiros estudos sobre o fenômeno da machosfera foram desenvolvidos por pesquisadoras(es) de diferentes países de língua inglesa, e são referência para o campo. A machosfera pode ser definida como “um agregado de comunidades diversas unidas em torno de uma linguagem comum que as orienta para a

oposição ao discurso e à retórica do feminismo” (Marwick; Kaplan, 2018, p. 11, tradução nossa⁰¹).

Resultante da reunião entre os anglicismos formados pelas palavras *man* e *sphere*, a *manosphere* inglesa tem sido traduzida como *manosfera*, *androsfera* ou *machosfera* em diferentes contextos. Buscando uma maior compreensão do significado do termo no Brasil, adotamos o termo *machosfera* – cuja escolha será explicada mais adiante.

Em uma perspectiva histórica, Debbie Ging (2017) e Lisa Sugiura (2021) apontam para a relação da machosfera com os movimentos dos direitos dos homens norte-americanos surgidos em 1970 e notabilizados como uma contraofensiva aos movimentos feministas. Esses grupos estão alicerçados na premissa da existência de uma suposta discriminação sofrida pelos homens em decorrência da ampliação dos direitos das mulheres. Ao longo das décadas, a acentuação da crise do capitalismo, acrescida do avanço dos direitos das mulheres e da população LGBTQIAPN+, contribuiu para a aglutinação de múltiplas e contraditórias masculinidades em torno do ideal de hegemonia dos homens e do ódio às mulheres.

Apesar de diferentes formas de misoginia serem um fenômeno reconhecido em distintos arranjos sociais há séculos, os aspectos específicos das mídias sociais, “como velocidade, anonimato, algoritmos de plataforma e descorporificação social, facilitam maneiras novas e diferentes para afirmar a hegemonia masculina” (Ging, 2017, p. 4, tradução nossa⁰²). Em mensagens espalhadas em plataformas de jogos, canais do YouTube, *blogs*, perfis em redes sociais etc., a machosfera se propaga de forma difusa, com características transnacionais e um potencial de violência que se estende para além do on-line. Sugiura resume: “[...] o tema central da machosfera é a misoginia, quando os homens se percebem como as verdadeiras vítimas de um mundo que é injustamente a favor da mulher” (Sugiura, 2021, p. 37, tradução nossa⁰³).

Segundo Asunción Bernárdez-Rodal e Yanna Franco (2023), não se trata de grupos isolados, e sim de uma espécie de organizações informais que atuam na internet e nas redes sociais e que se expressa concretamente através de grupos ou comunidades. Entre a bibliografia consolidada do campo, a existência de quatro subcomunidades é um consenso (Ging, 2017; Sugiura, 2021; Bernárdez-Rodal; Franco, 2023). São elas:

- a) Ativistas dos direitos dos homens (em inglês, *Men’s Right Activists* – MRAs), que supostamente advogam por mudanças que podem beneficiar os homens.
- b) Homens seguindo seu próprio caminho (em inglês, *Men Going Their Own Way* – MGTOW), que defendem que os homens devem manter distância das mulheres.
- c) Artistas da sedução (em inglês, *Pick-up Artists* – PUAs), que são homens que ensinam técnicas de conquista, incluindo violência e práticas sexuais sem consentimento.
- d) Celibatários involuntários (em inglês, *Involuntary celibataries* – *Incels*), que consideram que não possuem as características valoradas pelas mulheres.

Apesar de distintas, as masculinidades dos subgrupos possuem alguns elementos de aglutinação, com destaque para a “extrema misoginia”, pois são “conectados pela mesma ideologia antifeminista subjacente” (Sugiura, 2021, p. 17, tradução nossa⁰⁴). Suas estratégias de ação e argumentação incluem determinismo biológico, narrativas de perseguição, exclusão e vitimização, além da sustentação da perda de

01 No original: “The manosphere is an aggregate of diverse communities brought together by a common language that orients them in opposition to the discourse and rhetoric of feminism”.

02 No original: “Technological affordances of social media, such as speed, anonymity, platform algorithms, and social disembodiment, facilitate new and different ways in which to assert male hegemony”.

03 No original: “A central theme permeating the manosphere is that of misandry, where men perceive themselves to be the real victims of a world that is unfairly in favour of woman”.

04 No original: “[...] are all connected by the same underpinning anti-feminist ideology”.

direitos. Entre as formas de ataque, estão publicações ofensivas, práticas de *doxing* e *hacking*, com especial “propensão para ataques pessoais”. Esses ataques podem se direcionar a quaisquer pessoas, mas são destinados especialmente para personalidades com proeminência no debate público, como políticas, ativistas e jornalistas, por exemplo.

Na intersecção de opressões, os subgrupos também convergem em outras formas de violência, especialmente o racismo e a xenofobia, já que “a manosfera tem se desenvolvido na medida em que os grupos de pressão fascistas e ultraconservadores têm conseguido influenciar o contexto político mundial; [...] expandindo o racismo, o nacionalismo, o capacitismo e o antifeminismo” (Bernárdez-Rodal; Franco, 2023, p. 11-12, tradução nossa⁰⁵). Aglutinados em torno da misoginia, os grupos que integram a machosfera alegam diferentes motivações para suas ações, e têm ampliado seu alcance e o apelo a novos membros nos últimos anos, naturalizando suas práticas e disseminando o ataque a grupos minorizados.

A pesquisa no Brasil: machosfera, ódio às mulheres e a pessoas LGBTQIAPN+

No contexto brasileiro, pesquisamos os dez anos anteriores ao ataque, de 2013 a 2023, a fim de compreender como o fenômeno é problematizado no país. As buscas ocorreram nos dois meses finais de 2023 e em janeiro e fevereiro de 2024, nas principais plataformas referentes às pesquisas desenvolvidas no Brasil. A pesquisa incluiu o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, os sites dos principais congressos da área de Comunicação e Gênero no Brasil (Compós, Intercom, Fazendo Gênero e Desfazendo Gênero) e das revistas científicas de Comunicação e Gênero com Qualis CAPES igual ou superior a A2 (*E-Compós*, *Matrizes*, *FAMECOS* e *Galáxia*, *Revista de Estudos Feministas* e *Pagu*). Os termos de busca foram: *manosfera*, *manosphere*, *machosfera*, *antifeminismo*, *antigênero*, *redpill*, *misoginia nas redes*, *discurso de ódio*, *violência de gênero nas redes*, *violência de gênero na internet*; *violência sexista*; *movimento masculinista*; *ciberativismo masculinista*; *deepweb*; *4chan*; *reddit*; *hater*; *trolls*, *incel*, *celibatários involuntários* e *gender trolling*. Ao todo, identificou-se 20 artigos publicados em anais de congressos, sete artigos publicados em revistas científicas e 177 dissertações e teses.

Desde 2016, foram publicados artigos abordando a violência de gênero na internet, e, recentemente, alguns estudos passaram a se referir explicitamente à *manosfera*, *manosphere* ou *machosfera* (Lopes, 2021; Velho, 2022; Januário; Chacel, 2023; Miguel; Priori, 2023). Optamos pelo termo *machosfera* por compreender a importância da tradução para o campo de estudos e a necessidade de contextualização específica sobre o fenômeno no Brasil. Gracila Vilaça (2022, p. 2) denomina a machosfera como o “enclave brasileiro da *manosphere*”. A escolha pela tradução também dialoga com a discussão desenvolvida pela sociedade sobre o tema. Nos últimos anos, a expressão *machosfera* tem adquirido sentidos para além da produção acadêmica, sendo utilizada em contextos jornalísticos para se referir à violência de gênero praticada na internet (Por dentro..., 2023; Yamaguti, 2023).

Ao analisar a produção catalogada sobre a machosfera, destacamos como tendências os seguintes eixos temáticos de abordagem:

a) *Discursos de ódio relacionados ao cenário político em que o gênero é um aspecto importante*: estudos relacionados a contextos de processos políticos, especialmente eleitorais. São pesquisas como a de Bruna Amato (2022), que discute a produção e a fomentação dos discursos de ódio de gênero que culminaram na ascensão de um governo de extrema-direita no Brasil.

⁰⁵ No original: “La manosfera se ha ido desarrollando en la medida en que los grupos de presión fascistas y ultraconservadores han conseguido influir en el contexto político mundial, y no son la consecuencia, sino la causa del crecimiento del ideario ultraconservador, expandiendo el racismo, el nacionalismo, el capacitismo, y el antifeminismo”.

b) *Discursos de ódio diretamente relacionados a gênero e sexualidade*: estudos relacionados a grupos e comunidades que atuam na esfera on-line com ataques às mulheres e a pessoas da comunidade LGBTQIAPN+. Um exemplo é a pesquisa de Amanda Lopes (2021), que analisa os ataques de *incels* contra a professora universitária Lola Aronovich e problematiza sobre como o ressentimento e a rejeição são transformados em ódios e desejo de vingança em fóruns on-line.

c) *Responsabilização das plataformas digitais por legitimação ou propagação de discursos de ódio*: estudos que questionam a ação das plataformas digitais em relação aos discursos de ódio que circulam na machosfera. Tal perspectiva é tratada por Camilla Tavares e Raquel Recuero (2023), que discutem como as plataformas contribuem para a legitimação e a disseminação dos chamados “discursos tóxicos”, especialmente em relação à violência de gênero contra mulheres.

d) *Entrecruzamentos entre discursos neoliberais, manuais de autoajuda e misoginia*: estudos que analisam comunidades da machosfera motivadas por princípios neoliberais de aconselhamento financeiro, que incitam o ódio às mulheres e caracterizam a cultura *redpill*. Nessa perspectiva, Soraya Januário e Marcela Chacel (2023, p. 10) analisam o perfil @manualredpill e pontuam que a ideologia *redpill* pode ser considerada “uma vasta guerra promovida contra as mulheres”.

Esses quatro principais eixos de abordagem dos estudos brasileiros sobre a machosfera apresentam em comum diferentes pesquisas que analisam discursos de ódio às mulheres e a pessoas LGBTQIAPN+, caracterizando-se como violência de gênero na internet. Esse cenário nos incita a refletir sobre a cobertura jornalística a respeito desses discursos de ódio que alcançam ampla visibilidade midiática e viram notícia. Sem perder de vista os problemas éticos e políticos para uma convivência cívica assentada no respeito mútuo que deve sustentar a vida em sociedade e numa democracia – os quais têm sido evidenciados e potencializados pelas interações nas redes digitais –, nosso esforço neste estudo é também o de pensar possíveis implicações para o jornalismo quando essas práticas de misoginia se tornam objetos de cobertura jornalística.

Metodologia

O objetivo do presente artigo é colaborar com as discussões sobre machosfera no Brasil e na imprensa, uma relação ainda pouco explorada em pesquisas. Para isso, estudamos o caso da invasão e do ataque misógino à conta da primeira-dama brasileira Janja da Silva na rede social X, em dezembro de 2023, interpretando o modo como foi realizada a cobertura por variadas mídias jornalísticas e sinalizando os dilemas éticos apresentados. As questões de pesquisa são: como foi a cobertura da imprensa brasileira à invasão e ao ataque misógino às redes sociais da primeira-dama brasileira Janja da Silva em 2023? Quais são os desafios práticos e éticos para a cobertura jornalística da misoginia e do ódio nas redes sociais?

Metodologicamente, para a análise dos materiais jornalísticos, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC) nos termos propostos por Laurence Bardin (1977), que a descreve como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e/ou recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. Assim, seguimos as três fases recomendadas pela autora: 1) pré-análise; 2) exploração do material e tratamento dos resultados; 3) descrição e apresentação de inferências e interpretações que busquem responder às questões da pesquisa.

O *corpus* empírico provém de uma coleta realizada em 21 de abril de 2024, na plataforma do *Google Notícias*, com os termos “ataque Janja”, relativa ao período de um ano. Tal temporalidade é estabelecida pelo mecanismo de busca do site, que não permite datas específicas. Foram encontrados 86 *links* por meio do agregador. Para análise, optamos pelo conteúdo de caráter informativo-interpretativo e excluímos os opinativos; somente textos ou acompanhados por áudios e/ou vídeos; e relatos com contextualização, portanto foram excluídas as notas. Após esse filtro e a exclusão também de matérias repetidas ou sem relação com o caso, restaram 78 relatos jornalísticos, publicados por 24 mídias jornalísticas⁰⁶, que constituem o *corpus* estudado. A partir de uma leitura exploratória, foram organizados dois grupos de matérias com base no tipo de tratamento dado pelos veículos: os textos focados no anúncio do fato ocorrido e/ou da subsequente investigação das instituições responsáveis por ele (26 textos); e aqueles que vão além da investigação policial e incorporam a repercussão do ocorrido junto a outros atores sociais, dando visibilidade ao posicionamento de personalidades públicas do cenário político brasileiro (52 textos). Sendo assim, o conjunto de textos foi dividido em dois grandes eixos temáticos: 1) a investigação criminal do caso; e 2) a discussão sobre o problema da violência digital contra mulheres, interconectado com a controvérsia sobre a (não) regulação das redes sociais digitais no Brasil.

Após a etapa 1, de pré-análise dos relatos incluídos nos dois eixos acima descritos, decorrentes da finalização da etapa 2, de exploração do material e tratamento dos resultados, passamos à etapa 3, com a descrição e a apresentação de inferências e interpretações que busquem responder às questões da pesquisa (Bardin, 1977). Nesta última etapa da Análise de Conteúdo, organizamos a análise qualitativa a partir de quatro categorias: a) o enquadramento ou interpretação do acontecimento; b) a regulação das plataformas; c) o ataque a figuras públicas; e d) as implicações éticas na comunicação jornalística de ataques misóginos.

Análise e discussão

Na noite de 11 de dezembro de 2023, a conta de Janja da Silva na rede social X, então com 1,2 milhão de seguidores, foi invadida e hackeada. Uma série de mensagens foram postadas em sequência, com ataques e ofensas a Janja, ao presidente Lula e ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre Moraes. A repercussão do caso foi imediata, e o assunto ficou entre os mais comentados da rede X (Alves; Cravo, 2023).

Na cobertura jornalística, o assunto se manteve em pauta até o final de dezembro de 2023, tornando-se menos presente a partir de então. Inicialmente, a cobertura dedicou-se a informar o ocorrido e os desdobramentos seguintes, como a investigação do crime e os posicionamentos de diferentes atores e instituições implicadas, caracterizando a primeira categoria que identificamos na análise, de *enquadramento ou interpretação do acontecimento*. A Polícia Federal (PF) abriu investigação, solicitou o bloqueio da conta para novas publicações e somente uma hora depois as mensagens foram apagadas pela plataforma.

O perfil da primeira-dama Janja Lula da Silva no X, antigo Twitter, foi invadido na noite desta segunda-feira e tomado por xingamentos. O ataque hacker foi anunciado às 21h37. A Polícia Federal já atua no caso, abriu uma investigação preliminar e informou que vai abrir um inquérito nesta terça-feira. A plataforma também foi acionada. Cerca de uma hora depois, as mensagens com ataques e ofensas foram apagadas (Góes, 2023, [s.p.]).

06 São as seguintes mídias: O Globo, CNN Brasil, Terra, Estadão, UOL, Correio Braziliense, Carta Capital, Metrôpoles, Correio Braziliense, Correio do Povo, Infomoney, G1, Poder 360, Agência Brasil, Valor Econômico, Marie Claire Brasil, Gazeta do Povo, Folha de Pernambuco, Folha de S.Paulo, Veja, Diário de Pernambuco, Olhar Digital, Podcast Café da Manhã da Folha S.Paulo, e O Tempo. Os 78 textos selecionados estão disponíveis em: <https://drive.google.com/drive/folders/1_VFfnjDvc9WGu2JeyVMe0GC_9GyxiEAv?usp=sharing>.

A Advocacia-Geral da União também solicitou ao X a identificação dos responsáveis e a preservação dos registros. Veículos noticiaram que o inquérito aberto pela PF foi atrelado a outro já existente, que investiga ataques cibernéticos ocorridos contra, pelo menos, dez mulheres que integram o governo federal ou o Congresso Nacional (Landim, 2023), o que dá uma dimensão da violência da misoginia digital praticada contra mulheres políticas no contexto nacional. Apesar da relevância do tema, os nomes das demais figuras públicas mulheres não foram citados em nenhuma das reportagens analisadas.

Os relatos jornalísticos mostram, já a partir do dia 12 de dezembro de 2023, os enquadramentos do acontecimento, ou seja, como ele é interpretado. Por um lado, lideranças políticas, ministros e aliados do governo interpretaram imediatamente o acontecimento como um caso de misoginia atribuído a grupos bolsonaristas e/ou fascistas, cujo enfrentamento exigiria a regulação das redes sociais, necessidade evidenciada pela falta de suporte e pela demora na retirada dos conteúdos (Souza, 2023).

Sustentando tal enquadramento, estão posicionamentos como o da presidente nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), Gleisi Hoffmann, também vítima recorrente de ataques na internet. Na noite do ataque a Janja, em uma postagem em suas redes sociais, reproduzida pela imprensa, ela expressou: “A invasão ao perfil da Janja com mensagens ofensivas é o retrato da misoginia bolsonarista e mostra como uma mulher ativa incomoda muita gente” (Violante, 2023, [s.p.]). Da mesma forma, o então ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, Silvio Almeida, definiu os ataques como “discurso de ódio, misoginia e intolerância” (Lula..., 2023) em uma postagem que também reverberou na imprensa. Ele lembrou que Janja tem sido alvo frequente de ataques no X, e que a rede social tem sido leniente e permissiva com tais discursos. Janja e Lula definiram o acontecido como um ataque machista e de ódio (Lula..., 2023).

Por outro lado, silenciando sobre o que aconteceu e o conteúdo dos ataques, os posicionamentos do dono do X, Elon Musk, e de opositores ao governo Lula trataram de desresponsabilizar as plataformas pela propagação dos discursos e redirecionar a discussão que se instaurou sobre a regulação das plataformas e redes sociais digitais. O site *Poder360* reproduziu imagens de algumas das publicações de deputados como Nicolas Ferreira (PL) e Mário Frias (PL). “Entre alguns adversários, a declaração foi vista como uma tentativa de censura digital” (Oposição..., 2023).

O debate ganhou expressão nos primeiros dias, quando emergiram posicionamentos de diferentes atores. Integrantes ou aliados do governo Lula e parlamentares defenderam a retomada do debate sobre a regulação das redes digitais, proposta criticada por opositores do governo Lula, especialmente de partidos da extrema direita. Tais interpretações caracterizam a segunda categoria analisada, sobre a *regulação das plataformas*. A própria Janja abordou a necessidade de discutir a responsabilização das plataformas. Em seus posicionamentos, realizou uma coletivização do problema da violência digital ao lembrar que muitas mulheres enfrentam ataques semelhantes sem que obtenham respostas adequadas a suas denúncias sobre violências sofridas. Quando recuperou o acesso a suas contas, em 17 de dezembro, a primeira-dama publicou nota em sua rede X, replicada pela imprensa:

Fiquei pensando na angústia de tantas mulheres que também sofreram e sofrem esse tipo de ataques e, por não serem pessoas públicas, têm ainda mais dificuldade para fazer com que as plataformas de redes sociais ajam. Na maioria das vezes, o que essas mulheres encontram é o descaso, o desrespeito e a revitimização, quando não a morte. [...] Precisamos falar sobre a responsabilização das plataformas. Não podemos permitir que cada vez mais crimes de ódio sejam cometidos contra nós, mulheres, fora e dentro do ambiente online. Não podemos permitir que as plataformas sigam lucrando em cima do ódio, coisa que tenho certeza que aconteceu no caso da invasão do meu perfil. Uma hora e meia de monetização para o X (Silva, 2023, [s.p.]).

Dois dias depois, em uma *live* com Lula amplamente repercutida, Janja voltou a tratar da responsabilidade das plataformas e da necessidade de debater tanto a regulação quando a monetização das redes sociais – proposta respaldada, naquela situação, pelo presidente, que mencionou iniciativas existentes em

outros contextos, como na União Europeia (Schroeder, 2023). Ela criticou a demora para congelar sua conta após o ataque, declarou que iria processar a rede social e alegou que Elon Musk teria ficado ainda mais milionário com o ataque. Também anunciou a discussão no governo acerca da proposta de combate à violência contra as mulheres na internet. “A gente precisa não só a regularização das redes, mas a gente precisa discutir a monetização dessas redes sociais, disse Janja” (Cravo, 2023, [s.p.]).

As falas de Janja sobre responsabilização, regulação e lucro das plataformas provocaram a reação de Musk, que negou a responsabilidade da rede sobre o caso (Elon..., 2023). Também foram ironizadas e criticadas pela oposição, sobretudo pela extrema-direita e pelos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, que enquadraram a situação como uma tentativa de censura do governo (Oposição..., 2023). O argumento é o mesmo utilizado no debate político sobre o Projeto de Lei (PL) 2.630, conhecido como PL das Fake News, que prevê novas diretrizes para as redes em relação a veiculação de notícias, divulgação de conteúdo falso e impulsionamento de propaganda eleitoral. O projeto está parado na Câmara dos Deputados desde 2023, pois o governo não tem maioria para a aprovação. Enquanto parlamentares da direita e extrema-direita classificam o projeto como “PL da Censura”, os governistas voltaram a argumentar, no contexto do ataque *hacker*, que a regulação não é censura.

Como discutido anteriormente, a responsabilização das plataformas digitais sobre a legitimação ou a propagação dos discursos de ódio tem sido uma das preocupações da pesquisa sobre a machosfera no Brasil (Tavares; Recuero, 2023; Santos *et al.*, 2023). O estudo de Luiza Carolina dos Santos e colegas (2023, p. 18) evidenciou as dificuldades das plataformas em concretizarem as políticas de moderação de discursos de ódio em razão “da dependência do trabalho – gratuito – de usuários para fazer denúncias; ausência de estratégias de colaboração mútua para enfrentar a discriminação; terceirização, muitas vezes precarizada, da mão de obra que realiza a moderação humana”. Assim, grupos sociais minorizados ficam ainda mais vulneráveis, sem mecanismos efetivos para responsabilizar e prevenir práticas de ódio e violência digital. No caso específico das mulheres políticas, Tavares e Recuero (2023) demonstram que a infraestrutura de plataformas como o X tem papel fundamental na violência de gênero por permitir a construção e a legitimação dos ataques.

Na terceira categoria, sobre *ataques a figuras públicas*, observamos que figuras públicas ativas no debate social ou mulheres que se destacam em sua trajetória profissional são um dos principais alvos da atuação de grupos masculinistas. Esses alvos principais são políticas, ativistas e jornalistas com presença no espaço público e na discussão sobre temas de interesse coletivo ou assuntos sobre os quais esses grupos julgam que as mulheres não têm capacidade para tratar e, portanto, não deveriam opinar. Característica do sexismo, que exclui mulheres de processos decisórios e de distintas esferas de poder, essa forma de misoginia persiste em defender que “as mulheres deveriam estar mais restritas ao espaço privado, ou, se participando de alguma forma de espaço público, especialmente político, circunscrevem-se ao protagonismo masculino” (Zdebskyj; Maranhão; Pedro, 2015, p. 225).

Tropo antifeminista desenvolvido para além dos fóruns da *web* e da *deepweb*, os ataques individuais às personalidades constituem-se uma das formas de atuação intimidatória dos integrantes da machosfera. De acordo com Ging (2017, p. 9, tradução nossa⁰⁷), “intimamente ligada a esta misoginia desenfreada está uma mudança crescente do ativismo e do *lobby* em direção a ataques *ad hominem* e personalizados, muitas vezes de forma espetacular, contra feministas de maneira individual”.

O caso analisado neste artigo demonstra a diferença de gênero já no próprio ataque. Enquanto o presidente Lula é chamado de “vagabundo” e o ministro Alexandre de Moraes é apontado como “bandido”, os ataques a Janja contêm ofensas de cunho sexual e pornográfico, como “vagabunda”, “estuprada” e “puta”,

⁰⁷ No original: “Closely linked to this unchecked misogyny is an increasing shift away from activism and lobbying toward *ad hominem* invective and personalized, often spectacular, attacks on individual feminists” (Ging, 2017, p. 9).

e a colocam como “infiel”. O teor sexual demonstra a disposição em colocar em suspeição a reputação de Janja. Mesmo com a evidente discrepância, apenas a publicação de *Marie Claire* salientou o atravessamento de gênero do ataque: “Apesar dos nomes de líderes homens terem sido contemplados no ataque, os *posts* de cunho sexual e teor degradante à imagem de Janja deram a tônica da violência” (Cetrone, 2023, [s.p.]).

É possível interpretar que o uso de expressões pornográficas ou em alusão a práticas sexuais é uma constante da machosfera, na medida em que as mulheres são reduzidas à sexualidade e à reprodução. Nesse espaço, “não há nenhuma consideração das mulheres como seres humanos autônomos, dignos de honestidade e respeito” (Sugiura, 2021, p. 21, tradução nossa⁰⁸). A investida contra Janja carrega consigo o desejo da subordinação das mulheres, e, além de ataques virtuais, abusos e agressões contra essas personalidades são estimulados (Sugiura, 2021). Como identificamos, essa é uma característica da machosfera que tem sido debatida pela produção acadêmica brasileira e reunido um conjunto de textos que busca compreender os discursos de ódio relacionados ao cenário político, e a centralidade do gênero nesses ataques. O estudo de Raquel Leite (2022), por exemplo, demonstra características como desumanização, ridicularização, assédio, silenciamento, ataque e incitação à violência.

Nesse contexto, sujeitos da machosfera produzem uma série de comparações com outras mulheres, cuja postura e comportamento são considerados, de forma sexista, mais apropriados ao seu gênero. É o caso das comparações que inundam as redes desde a campanha eleitoral de 2022, colocando em polos opostos Janja e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Evangélica, de direita e mais jovem que o marido, Michelle é percebida como uma mulher ideal, enquanto Janja é menosprezada e rotulada de modo pejorativo de “Canja”, em uma alusão direta ao xingamento misógino de “galinha” e com o objetivo de insinuar promiscuidade por parte da petista.

Ainda que também tenha sofrido com violência sexista, as ofensas recebidas por Michelle Bolsonaro foram distintas. Em ambos os casos, “os ataques e insultos direcionados a Janja e Michelle nas redes sociais foram marcados pela misoginia, pela religião, por narrativas que disputavam noções de moralidade e pela intolerância religiosa” (InternetLab; Revista AzMina; Núcleo Jornalismo, 2023, p. 29). Mas, enquanto Michelle era acusada de ser “uma falsa cristã”, Janja era atacada por ser praticante de religião de matriz africana. “É notável um grau de agressividade bastante superior [em relação à Janja]” (InternetLab; Revista AzMina; Núcleo Jornalismo, 2023, p. 9).

Tendo em vista o histórico de ataques sofridos por Janja ao longo dos anos, é relevante apontar a ausência de correlações estabelecidas entre o ataque *hacker* e episódios anteriores de violência por parte de jornalistas. A relação entre os fatos é realizada pela própria vítima e por integrantes do governo Lula. Na primeira manifestação após o ataque, Janja abordou o tema: “Na noite de ontem, os ataques de ódio e o desrespeito que eu sentia diariamente chegaram a outro patamar” (Violante, 2023, [s.p.]). Durante a cerimônia de lançamento do projeto Brasil sem Misoginia, ela também tocou no assunto: “Eu sei muito bem o que eu tenho sofrido nesses meses de governo, com os ataques nas redes sociais, com a exposição do meu corpo, com fotos falsas, com agressões” (Janja..., 2023a, [s.p.]). Em reportagem do jornal *O Globo*, o fato de Janja ter se pronunciado anteriormente sobre o tema é lembrado: “Em novembro, em entrevista ao *Globo*, Janja afirmou sofrer muitos ataques pelas redes sociais” (Alves; Cravo, 2023, [s.p.]). *O Globo*, assim como a maioria dos veículos, não cita estudos e pesquisas anteriores que apontaram a reincidência desses ataques, destacando apenas a palavra da própria vítima.

Em uma análise mais ampla, é possível compreender que o episódio só não é divulgado como um fato isolado pelo fato de Janja e seus aliados lembrarem o histórico de ataques. Mas, mesmo com a sistemática alusão ao contexto, os veículos não aprofundam as relações entre os ataques que circulam em forma de comentários e memes pelas redes e a invasão *hacker*. Assim, a articulação da machosfera em seus múltiplos sujeitos é ignorada.

08 No original: “There is no consideration of women as autonomous human beings worthy of honesty or respect”.

As primeiras três categorias acima descritas e analisadas congregam elementos que remetem à quarta categoria, sobre *as implicações éticas na comunicação jornalística de ataques misóginos*. Ao analisar o conjunto de matérias publicadas, identificamos como principal dilema ético da produção jornalística a forma de divulgação do conteúdo ofensivo. Os veículos *Terra* [com *Estadão*] (Perfil..., 2024), *Gazeta do Povo* (Abrão, 2023) e *Poder360* (2023) reproduziram os xingamentos dirigidos à Janja. Já o *Metrópolis*, ligado à UOL (Gomes; Araújo; Esteves, 2023), o *Valor Econômico* (Violante, 2023), a *Marie Claire Brasil* (Cetrone, 2023) e o podcast *Café da Manhã*, da *Folha de S.Paulo* (2024), publicaram parcialmente as ofensas à primeira-dama. Ao longo dos dias que sucederam o episódio, o site *Poder360* também passou a informar parcialmente as palavras utilizadas. A *Carta Capital* reproduziu apenas as menções a Alexandre de Moraes. E veículos como *O Globo*, *CNN Brasil*, *InfoMoney*, *Terra*, *Agência Brasil*, *Congresso em Foco*, *Folha de S.Paulo*, *Estadão*, *G1*, *Veja*, *Diário Pernambuco*, *Olhar Digital* e *Folha de Pernambuco* mencionaram o fato de o conteúdo ser “porno-gráfico”, indicando aos leitores o que havia ocorrido sem explicitar os termos utilizados.

A escolha por reproduzir o conteúdo na íntegra, de maneira parcial ou a partir de menções é um dilema ético na medida em que, a partir dela, dois fundamentos do jornalismo são colocados em discussão: o interesse público e o respeito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem da pessoa-cidadã, ambos previstos no *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros* (Fenaj, 2007). Salienta-se que, em sua maioria, os portais mais tradicionais do país (como *Estadão* e *Folha de S.Paulo*, por exemplo) optaram por não reproduzir integralmente o texto. A escolha por reproduzir foi realizada especialmente pelo *Poder 360* – especializado em cobertura política – e o *Gazeta do Povo* – site identificado com a direita brasileira. Percebe-se, nesse sentido, um movimento dos veículos tradicionais em preservar a associação do nome da vítima com as ofensas.

A partir de um olhar do interesse público, destaca-se a necessidade de expor o grau de violência contido nas mensagens e a forma misógina como foram proferidas. Ao citar o que os *posts* diziam, os veículos explicitam e deixam a população compreender a dimensão dos atos. Por outro lado, a exposição dos xingamentos na íntegra ou parcialmente também pode ser compreendida como uma reiteração da violência, associando novamente o nome de Janja aos xingamentos de cunho sexista que foram desferidos contra ela. Acrescenta-se a isso o dilema que implica a visibilidade dos atos na machosfera. A repercussão de práticas de violência de gênero geralmente é comemorada nas comunidades masculinistas como uma vitória, como uma forma de visibilizar a presença de grupos organizados a partir do sexismo.

Um dos grandes desafios éticos do jornalismo contemporâneo, como destacado por João Miranda (2021, p. 87), é definir “quais os limites da utilização de material compartilhado nos perfis pessoais das redes”. O autor elenca ações definidas como normas editoriais da *BBC* e do *Expresso*, nas quais os cuidados com a partilha dessas informações captadas on-line são imprescindíveis. Se tais cuidados já são recomendáveis em condições normais de produção e circulação de conteúdos – aqui entendidas como aquelas situações em que os próprios atores publicam informações ou imagens de si nas redes sociais –, entendemos ser necessário um cuidado jornalístico redobrado para casos como o de Janja. Afinal, nesses casos, os conteúdos sobre os quais será necessário decidir se publicar ou não (xingamentos sexistas ou outras violências) são provenientes da própria prática criminosa (invasão *hacker* de contas de outra pessoa).

Outro aspecto que pode ser incluído é o direito ao esquecimento em coberturas jornalísticas. Tema emergente na contemporaneidade, esse direito está correlacionado com o direito à privacidade, previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Constituição Federal Brasileira. Na medida em que práticas como hackeamento, agressão e difamação podem deixar traumas nas vítimas – como foi o caso do ataque sofrido por Janja –, é possível ponderar o quanto informar as palavras utilizadas pelo *hacker* não acabará por eternizar os xingamentos à figura de Janja.

O mesmo dilema ético foi enfrentado no transcurso do desenvolvimento do presente artigo. Ao longo do texto, optamos por reproduzir os ataques, compreendendo que a discussão ética não poderia ser desenvolvida sem que fossem informadas quais palavras foram utilizadas e quais escolhas foram adotadas pelos(as) jornalistas. A decisão não é uma escolha simples, e segue como um dilema enfrentado pelas próprias pesquisadoras autoras deste trabalho. Ainda no que se refere aos dilemas éticos, é possível inferir que a cobertura realizada pela imprensa brasileira sobre o ataque *hacker* sofrido por Janja foi caracterizado pelo pouco aprofundamento da temática da misoginia, embora, com exceções, a discussão tenha sido realizada. Como afirmam Carla Cerqueira e Silvia Gomes (2017, p. 231), é preciso compreender que noticiar crimes com perspectiva de gênero é informar que “não são casos esporádicos ou fatalidades do destino, mas violações de direitos humanos”. Assim, uma cobertura responsável e ética implica também escolhas sobre evidenciar e problematizar as violações dos direitos humanos das mulheres e da população LGBTQIAPN+.

Considerações finais

A partir da análise realizada, é possível concluir que a invasão e o ataque misógino à conta da primeira-dama brasileira Janja da Silva na rede social X teve ampla visibilidade na cobertura da imprensa, com uma produção considerável de textos no período analisado. Tal repercussão deve-se, certamente, ao lugar ocupado por ela enquanto esposa do presidente, com forte presença no debate político desde a campanha eleitoral de 2022, e como figura pública e ativista feminista. O ataque e seus desdobramentos geraram grande repercussão política e midiática, com discursos e ações por parte de diferentes atores e instituições – algo raramente visto em relação a outras mulheres vítimas de violência digital no Brasil, algumas inclusive com relativa notabilidade na cena pública do país.

Embora tal visibilidade pareça ter sido importante para amplificar, na agenda pública e midiática, o debate sobre a misoginia, a violência de gênero digital e o fenômeno da machosfera no Brasil, naquele contexto, o tratamento desses temas não chega a ser aprofundado na cobertura da imprensa. De modo geral, os relatos jornalísticos publicados são repetitivos, restritos a sua ocorrência e investigação, e o problema da misoginia e da violência digital é mencionado apenas pela própria Janja e por aliados do governo Lula. Tais atores políticos evidenciam o caráter misógino do ataque e o relacionam a outras práticas de violência digital sofrida pelas mulheres no Brasil, mas os relatos jornalísticos não estabelecem correlações entre o caso analisado e episódios anteriores de violência digital contra Janja da Silva e/ou contra outras pessoas, célebres ou não.

A falta de aprofundamento e de contextualização por parte da cobertura da imprensa pode ser decorrente de vários fatores, entre os quais a precarização do trabalho de jornalistas, a ausência de uma formação continuada desses(as) profissionais e/ou de uma relativa especialização nas temáticas que cobrem, a linha político-editorial e o diálogo que cada uma dessas mídias procura estabelecer com seus públicos. No entanto, afirmações mais taxativas a esse respeito demandam outros estudos específicos, que podem ser realizados como desdobramentos do presente trabalho.

Da mesma forma, como aspecto positivo, a cobertura evidenciou a emergência, naquele contexto, de uma discussão política acerca da necessidade de regulação das plataformas, suscitada por posicionamentos de figuras públicas que interpretaram o ocorrido como resultante também da responsabilidade e monetização das plataformas digitais com as práticas de misoginia. No entanto, tal debate tampouco é adensado na cobertura da imprensa, que se limita a mencionar a disputa de sentidos em torno da regulação, incorporando a interpretação da extrema direita e do próprio proprietário da rede social X, Elon Musk, para os quais as plataformas não podem ser responsabilizadas, e a regulação é interpretada como censura. Novos estudos poderão investigar de forma mais detida e aprofundada o modo como a imprensa relata as

ações e/ou as omissões das plataformas em relação à moderação de conteúdo misógino e à sua responsabilidade nos casos de ataques como o sofrido por Janja, e em que medida a própria imprensa acaba se omitindo ou negligenciando uma abordagem crítica sobre a atuação dessas plataformas.

Materializando um entendimento limitado da objetividade jornalística como a mera reprodução de declarações e ações dos atores (fontes informativas), a produção das notícias sobre o caso perde a oportunidade de exercer um papel mais esclarecedor e pedagógico sobre o problema do ódio e da violência de gênero produzidos por grupos masculinistas na internet e sua relação com a agenda de políticos de direita e extrema direita, muitos dos quais estão cotidianamente presentes na imprensa. Tais grupos regularmente atuam praticando violências como as dirigidas a Janja, muitas das quais sequer são agendadas pela imprensa. Sem problematizar a origem, os objetivos e os impactos desses ataques no cotidiano da atuação das mulheres, é plausível considerar a possibilidade, a ser mais bem investigada em estudos futuros, de que a visibilidade midiática dada às atividades de agressores possa ter um efeito reverso. Ao invés de colaborar para denunciar e combater comportamentos violentos, pode-se ajudar a celebrar ainda mais o feito e os fatores, estimulando que sejam vistos como autores de atos heroicos em comunidades misóginas da machosfera. Além disso, estudos futuros poderão investigar se e de que modo a imprensa tem utilizado o conceito de *machosfera* ou termos similares na cobertura que faz desses casos.

Consideramos que a visibilidade – tanto das ações de grupos ou indivíduos misóginos quanto das mensagens de ódio e violência que produzem – é um aspecto central a ser levado em conta pela pesquisa acadêmica e pela atuação de jornalistas, visando uma cobertura ética e responsável sobre a misoginia e a violência digital com motivação de gênero. O tratamento jornalístico desses casos, como visto, é atravessado por questões éticas, na medida em que articula princípios e valores distintos e até divergentes. Por um lado, por exemplo, articula a problemática da visibilidade com valores como interesse público e a possibilidade de amplificar a discussão social sobre a misoginia e o ódio nas redes; por outro, evidencia dilemas éticos relacionados com a proteção e o respeito às vítimas e a sua imagem, o direito ao esquecimento, à privacidade, entre outros.

A temática exige, portanto, a continuidade de pesquisas que produzam mais conhecimentos sobre a atuação desses grupos masculinistas e misóginos e sua relação com o tratamento que lhes é dado pela imprensa. Tais conhecimentos são necessários para subsidiar o debate social e ações visando aperfeiçoar práticas jornalísticas, desde a formação profissional até a atualização de códigos deontológicos. Desse modo, pode-se dar respostas aos desafios impostos por um ecossistema midiático cada vez mais complexo, onde ocorrem hoje parte significativa das práticas sociais, inclusive da atividade jornalística e das lutas por direitos de grupos vulnerabilizados pela desigualdade, a exemplo das mulheres e pessoas LGBTQIAPN+.

Referências

- ABRÃO, C. Janja tem conta hackeada em rede social. **Gazeta do Povo**, on-line, 11 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/janja-tem-conta-hackeada-em-rede-social/>>. Acesso em 18 dez. 2024.
- ALVES, F; CRAVO, A. O GLOBO. Janja hackeada: Gleisi, ministros e outros aliados de Lula atribuem ataque à misoginia. **O Globo**, on-line, 12 dez. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/12/12/janja-hackeada-gleisi-ministros-e-outros-aliados-de-lula-atribuem-ataque-a-misoginia.ghtml>> Acesso: 18 dez. 2024.
- AMATO, B. **A queda na toca do coelho branco**: o ciberativismo masculinista na formação de grupos de ódio e extrema-direita no Brasil. 208 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENASSINI-FÉLIX, C. La construcción del discurso de odio contra las mujeres por los participantes en espacios misóginos de una red social. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo**, on-line, v. 4, n. 17, p. 1-14, 2022.
- BERNÁRDEZ-RODAL, A.; FRANCO, Y. G. Manosfera: ¿Y de qué cueva salió este monstruo?. In: FRANCO, Y. G.; BERNÁRDEZ-RODAL, A. (Eds.), **Misoginia online**: la cultura de la manosfera en el contexto español. Valência: Tirant Lo Blanch, 2023. p. 11-26.
- CETRONE, C. Com estupro e misoginia, invasão de X de Janja escancara as táticas de quem quer expulsar as mulheres da política. **Marie Claire**, on-line, 12 dez. 2023. Disponível em <<https://revistamarieclaire.globo.com/politica/noticia/2023/12/com-estupro-e-misoginia-invasao-de-x-de-janja-escancara-as-taticas-de-quem-quer-expulsar-as-mulheres-da-politica.ghtml>>. Acesso: 18 dez. 2024.
- CRAVO, A. Alvo de ataque hacker, Janja diz que governo discute plano de combate à violência contra as mulheres nas redes. **O Globo**, on-line, 19 dez. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/12/19/alvo-de-ataque-hacker-janja-diz-que-governo-discute-plano-de-combate-a-violencia-contra-as-mulheres-nas-redes.ghtml>>. Acesso em: 30 maio 2025.
- ELON MUSK DIZ que invasão da conta de Janja não é responsabilidade da rede. **Correio Braziliense**, on-line, 13 dez. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/12/6673697-elon-musk-diz-que-invasao-da-counta-de-janja-nao-e-responsabilidade-da-rede.html#google_vignette>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2024.
- FRANCO, Y. G.; BERNÁRDEZ-RODAL; A. **Misoginia online**: La cultura de la manosfera en el contexto español. Valência: Tirant Humanidades, 2023.
- GARCÍA-MINGO, E.; DÍAZ-FERNÁNDEZ, S.; TOMÁS-FORTE, S. (Re)configurando el imaginario sobre la violencia sexual desde el antifeminismo: el trabajo ideológico de la manosfera española. **Política y Sociedad**, on-line, v. 59, n. 1, e80369, 2022.

GARCÍA-MINGO, E.; DÍAZ FERNÁNDEZ, S. Mapping Research on Online Misogyny and Manosphere in Spain: the Way Ahead. **Masculinities & Social Change**, on-line, v. 12, n. 3, p. 293-309, 2023.

GING, D. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, on-line, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2017.

GIOVANDRO, M. F.; BARBOSA, M. C. S.; SILVA, J. D. (Orgs.). **Comunicação e resistência**: práticas de liberdade para a cidadania. São Paulo: Intercom, 2021.

GÔES, B. Janja é hackeada em rede social, e PF já investiga invasão. **O Globo**, Brasília [on-line], 11 dez. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/noticia/2023/12/11/conta-de-janja-e-invadida-em-rede-social.ghhtml>>. Acesso em: 28 maio 2025.

GOMES, B.; ARAÚJO, C.; ESTEVES, E. Janja tem conta no X (ex-Twitter) hackeada. **UOL Notícias**, on-line, 11 dez. 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/12/11/janja-conta-x.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2024.

INTERNETLAB; REVISTA AZMINA; NÚCLEO JORNALISMO. **MonitorA**: relatório sobre violência política contra candidatas(os) online – edição 2022. São Paulo: InternetLab, 2022.

JANJA DEFENDE CRIMINALIZAR postagens de ódio em redes sociais. **Poder360**, 25 out. 2023a. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/janja-defende-criminalizar-postagens-de-odio-em-redes-sociais/>> Acesso em: 19 dez. 2024.

JANJA TEM PERFIL no X (ex-Twitter) invadido. **Poder360**, on-line, 11 dez. 2023b. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/janja-tem-perfil-no-x-ex-twitter-invadido/>>. Acesso em: 18 dez. 2024.

JANUÁRIO, S. B.; CHACEL, M. C. C. Machosfera à brasileira: o masculinismo conservador nas redes. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. **Anais...** Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/machosfera-a-brasileira-o-masculinismo-conservador-nas-redes?lang=pt-br>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

LANDIM, R. PF cumpre quatro mandados de busca e apreensão no caso de conta hackeada de Janja. **CNN Brasil**, São Paulo [on-line], 12 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pf-caso-janja/>>. Acesso em: 28 maio 2025.

LEITE, R. P. R. **Misoginia, discurso de ódio e limites nas plataformas digitais**: um estudo netnográfico em grupos abertos do WhatsApp. 175 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

LOPES, A. R. Misoginia nas comunicações on-line: crimes de ódio entre relações de poder. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., virtual. **Anais [...]**. On-line: Intercom, 2021.

LULA PUBLICA MENSAGEM em apoio a Janja após ela sofrer ataque hacker: “Aos envolvidos, o rigor da lei”. **O Globo**, on-line, 12 dez. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/noticia/2023/12/12/lula-publica-mensagem-em-apoio-a-janja-apos-ela-sofrer-ataque-hacker-aos-envolvidos-o-rigor-da-lei.ghhtml>> Acesso: 19 dez. 2024.

MARWICK, A.; KAPLAN, R. Drinking Male Tears: Language, the Manosphere, and Networked Harassment. **Feminist Media Studies**, v. 18, n. 4, p. 543-559, 2018.

MIGUEL, V. M.; PRIORI, L. Seja misógino e fique rico: as intersecções entre cultura de aconselhamento financeiro e discurso de ódio. *In: XLVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM*, 46., São Paulo [evento híbrido]. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2023.

OPOSIÇÃO IRONIZA FALAS de Janja sobre Elon Musk após ataque hacker. **Poder360**, on-line, 13 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/oposicao-ironiza-falas-de-janja-sobre-elon-musk-apos-ataque-hacker/>>. Acesso em: 19 dez. 2024.

PERFIL DE JANJA Silva em rede social é hackeado; supostos autores assinam ataque. **Terra**, on-line, 11 dez. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/perfil-de-janja-silva-em-rede-social-e-hackeado-supostos-autores-assinam-ataque,b8aa9c6a2c041411960a0800329b34866qmtusgv.html#google_vignette>. Acesso em: 18 dez. 2024.

PODCAST TRATA DAS manifestações de ódio contra as mulheres na internet. **Folha de S.Paulo**, on-line, 20 dez. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2023/12/podcast-trata-das-manifestacoes-de-odio-contra-as-mulheres-na-internet.shtml>>. Acesso em 18 dez. 2024.

POR DENTRO DA “machosfera”, onde homens debatem reação ao feminismo. **BBC News Brasil**, on-line, 14 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-65911023>>. Acesso em: 28 maio 2025.

SANTINI, R. M.; SALLES, D.; BELIN, L. L.; BELISÁRIO, A.; MATTOS, B.; MEDEIROS, S. G.; MELLO, D.; GRAEL, F.; SEADE, R.; BORGES, A.; MURAKAMI, L.; CARDOSO, R.; DAU, E.; LOUREIRO, F.; YONESHIGUE, B.; CARMO, V.; MAIA, F. **“Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher”**: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais; UFRJ, 2024.

SANTOS, L. C.; TOMAZ, R.; DIENSTBACH, D.; MATOS, E.; SANCHES, D. Discurso de ódio on-line: uma análise das políticas das plataformas digitais para moderação de conteúdo. **E-Compós**, on-line, v. 26, 2023.

SCHROEDER, L. Lula chama de “canalhice” ataques a Janja na internet: “As pessoas estão virando desumanas”. **CNN Brasil**, on-line, 12 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lula-chama-de-canalhice-ataques-a-janja-na-internet-as-pessoas-estao-virando-desumanas/>> Acesso em: 19 dez. 2024.

SILVA, J. B. Musk ficou mais milionário com o ataque, diz Janja sobre redes invadidas. **Veja**, 12 dez. 2023. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/musk-ficou-mais-milionario-com-o-ataque-diz-janja-sobre-redes-invadidas>> Acesso em: 19 dez. 2024.

SOUZA, R. Janja sobre publicações em conta invadida: “Posts machistas e criminosos”. **Correio Braziliense**, on-line, 12 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/12/6669011-janja-sobre-publicacoes-em-conta-invadida-posts-machistas-e-criminosos.html>>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SUGIURA, L. **The Incel Revolution**: the Rise of the Manosphere and the Virtual War against Women. Bingley: Emeral Publishing, 2021.

TAVARES, C. Q.; RECUERO, R. Toxicidade e violência discursiva contra deputadas federais no Twitter. **Galáxia**, on-line, v. 48 n. 1, p. 1-25, 2023. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/62122>>. Acesso: 21 dez. 2023.

VIOLANTE, C. Janja: após ataque hacker no X, ódio, intolerância e misoginia precisam ser combatidos. **Valor Econômico**, on-line, 12 dez. 2023. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2023/12/12/janja-apos-ataque-hacker-no-x-odio-intolerancia-e-misoginia-precisam-ser-combatidos.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2024.

VELHO, E. Relações entre a manosphere brasileira e a circulação de informações prejudiciais na plataforma alt-tech Telegram. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 31., 2022, Imperatriz. **Anais...** Campinas: Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/relacoes-entre-a-manosphere-brasileira-e-a-circulacao-de-informacoes-prejudiciais?lang=pt-br>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

VILAÇA, G. Virgin x chad: memes de internet da machosfera brasileira no Reddit. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 31., 2022, Imperatriz. **Anais...** Campinas: Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/virgin-x-chad-memes-de-internet-da-machosfera-brasileira-no-reddit>>. Acesso em: 28 maio 2025.

WRIGHT, P.; ELAM, P. **Red Pill Psychology: Psychology for Men in a Gynocentric World**. Brisbane: Academic Century Press, 2017.

YAMAGUTI, B. Entenda o que é machosfera e saiba como mulheres podem se prevenir de comportamentos agressivos. **G1**, on-line, 6 mar. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/06/entenda-o-que-e-machosfera-e-saiba-como-mulheres-podem-se-prevenir-de-comportamentos-agressivos.ghtml>>. Acesso em: 28 maio 2025.

ZDEBSKYI, J. F.; MARANHÃO, E. M. A.; PEDRO, J. M. **A histórica e as belas, recatadas e do lar: misoginia à Dilma Rousseff na concepção das mulheres como costelas e dos homens como cabeça da política brasileira**. Espaço e Cultura (UERJ), v. 38, p. 225-250, 2015.

Informações do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Esta pesquisa integra o projeto de investigação internacional “La ‘Manosfera’ en las redes sociales: produsage cultural para revertir los estigmas de género y la cultura del odio”, capitaneado pela Universidad Complutense de Madrid.

Fontes de financiamento

Ministerio de Ciencia e Innovación da España, Agencia Estatal de Investigación y Unión Europea, no âmbito do edital “Proyectos de Generación de Conocimiento 2022”. A pesquisa, a redação e a edição deste estudo contaram também com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Brasil), especialmente através de Bolsa de Produtividade em Pesquisa.

Apresentação anterior

VIII Media Ethics Conference, 2024, Coimbra – Portugal, sem publicação nos Anais do evento.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Não se aplica.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa

Terezinha Silva, Fernanda Nascimento e Daiane Bertasso

Coleta de dados

Terezinha Silva

Análise e/ou interpretação dos dados

Terezinha Silva e Fernanda Nascimento

Escrita e redação do artigo

Terezinha Silva, Fernanda Nascimento e Daiane Bertasso

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Terezinha Silva, Fernanda Nascimento e Daiane Bertasso

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós

Daiane Bertasso

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa

Ministerio de Ciencia e Innovación da España, Agencia Estatal de Investigación y Unión Europea, no âmbito do edital “Proyectos de Generación de Conocimiento 2022”. A pesquisa, redação e edição deste estudo contou também com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Brasil), especialmente através de Bolsa de Produtividade em Pesquisa.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Os dados da pesquisa estão devidamente armazenados.